



# RÁDIO WEB UFPA

Divulgando conhecimento

# Roteiro Adaptado do Programa Saest e Você:

Ações para alunos surdos

Programa Exibido em 08/11/2018.  
Áudio disponível no site: [radio.ufpa.br](http://radio.ufpa.br)

Produção e Roteiro  
**Bruna Ribeiro**

Gravação e Montagem de Áudio  
**João Nilo e Lauro Feio**

Fotos  
**TV UFPA/Ascom UFPA e Rodolfo Oliveira/Agência Pará**

Diagramação  
**Wanderson Silva**

Supervisão e Edição  
**Elissandra Bastista e Fabrício Queiroz**

Coordenação do Programa  
**Rosane Steinbrenner**

Coordenação Geral  
**Alda Costa**

## Apresentação

Elissandra Batista

Jornalista

## Entrevistados

Arlete Marinho

Coordenadora de Acessibilidade da UFPA

Denise Martinelli

Coordenadora da equipe de interpretes e tradutores de Libras

**Vinheta:** Saest e Você, tudo sobre Assistência Estudantil na UFPA!

**Elissandra:**

Olá ouvintes da Rádio Web UFPA, eu sou a Elissandra Batista e começa agora o Saest e Você, tudo sobre Assistência Estudantil na UFPA!

Como você já sabe, o principal objetivo desse programa é deixar você, aluno, ou futuro aluno da universidade, por dentro dos programas e serviços que a UFPA oferece para ajudar na sua permanência e sucesso no ensino superior.

**Vinheta:**

Ei! Se liga na Assistência Estudantil!

**Elissandra:**

Hoje, aqui no Saest e Você, vamos falar sobre as ações desenvolvidas pela UFPA para os alunos surdos dentro da política de assistência estudantil promovida pela instituição. E para começar o nosso programa hoje, vamos ouvir o depoimento do aluno surdo Renan Guimarães, traduzido pelo intérprete de Libras Wallace Queiroz.

**Depoimento Renan:**

Sou estudante do segundo semestre de licenciatura em Educação Física aqui na UFPA, e eu gostaria de explicar um pouquinho sobre a minha história como um sujeito surdo, as minhas dificuldades. Bom, na maioria, eu percebo que os surdos pensam que eles não têm capacidade, como se fossem excluídos da sociedade. Então, através de muitos movimentos os surdos têm se esforçado bastante e também buscando cada vez mais conhecimento e aprendizagem e com apoio da lei de acessibilidade, os surdos têm se desenvolvido assim como eu. Isso é um exemplo e tanto perante a sociedade. Os surdos são

capazes sim, de observar, de terem suas próprias conquistas, mostrando para sociedade que são capazes. No meu caso, no caso do esporte, no caso da Educação Física, mas outras pessoas podem ir para área da política, para área da pedagogia, para área de licenciatura, odontologia, arquitetura, enfim, artes...

Cada pessoa, cada surdo tem a capacidade de escolher seu curso de graduação. É necessário que o surdo tenha essa percepção que através do ensino adaptado de conteúdo ele é capaz de desenvolver cada vez mais seu conhecimento e que ele pode ser inserido cada vez mais na sociedade perante os seus objetivos, suas lutas.

Um das perguntas que eu posso refletir é de como é que é a universidade, a UFPA, no caso, como ela pode contribuir, como pode dar esse acesso a participar da vida acadêmica, como o surdo, ou um cego, uma pessoa com deficiência pode participar dessa vida acadêmica, como ela pode participar de um curso, de uma graduação, de futuramente se formar, ter uma vida profissional, é importante? Sim! É importante! Mas é claro que é necessário muito esforço, muita transformação na sua vida para que ele possa conseguir se formar, como no meu caso, me tornar um professor.

Aqui também, a UFPA trabalha com acessibilidade, tem profissionais, intérpretes de libras, para que possa contribuir no momento de sala de aula, para que eu possa compreender, ter conhecimento da disciplina, do conteúdo. Então, o surdo consegue ter acesso a essa acessibilidade dentro da Universidade Federal do Pará. É isso, muito obrigado!

**Elissandra:**

Depois do depoimento do aluno surdo Renan Guimarães,

traduzido pelo interprete de Libras Wallace Queiroz, que mostrou um pouco sobre a vivencia dos alunos surdos aqui na UFPA, a gente agora vai dar início ao nosso quadro responde aí.

**Vinheta:**

Responde aí!

**Elissandra:**

E para responder as dúvidas hoje, recebemos a Professora Arlete Marinho, Coordenadora de Acessibilidade da UFPA e também a Coordenadora da equipe de intérpretes e tradutores de Libras, Denise Martinelli. Professora Arlete, muito bem-vinda novamente aqui a rádio web, ao Saest e Você. E Denise, muito bem-vinda, obrigada pela sua presença hoje aqui no programa também.

**Denise:**

Obrigada!

**Arlete:**

Obrigada!

**Elissandra:**

Então, para a gente começar falando especificamente sobre as ações da UFPA para os alunos surdos, professora Arlete seria bom a gente saber, atualmente quantos alunos surdos a UFPA possui?

**Arlete:**

Obrigada mais uma vez pelo convite. É bom até a gente destacar que existe uma diferença entre os surdos e a deficiência auditiva, só para a gente demarcar isso. Então, os surdos, que é o público ao qual a

gente está tratando aqui é aquele que faz uso da Língua Brasileira de Sinais, mas nós temos um público, também com deficiência auditiva, que está matriculado na Universidade, que são pessoas que também tem perda auditiva, mas não fazem uso da Língua Brasileira de Sinais para se comunicar.

No que diz respeito a esse grupo muito específico, que são os surdos, atualmente a Universidade teve uma queda no número de alunos dos últimos anos para cá. Nós tínhamos um número bem maior de alunos surdos. Atualmente nós estamos com um total de seis alunos surdos na graduação e um aluno surdo na pós-graduação usuário da Língua Brasileira de Sinais. Mas, pessoas com deficiência auditiva, nós temos um grupo de vinte e sete alunos. Então, se nós formos totalizar esse grupo, que envolve surdos e pessoas com deficiência auditiva, nós temos um total de trinta e quatro alunos matriculados na Universidade.

**Elissandra:**

A senhora disse que houve uma redução no número de alunos surdos?

**Arlete:**

Sim, em deficiência auditiva não, na verdade houve um aumento, mas surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais sim, houve uma diminuição.

**Elissandra:**

Algum motivo, assim, que vocês consideram para essa redução?

**Arlete:**

Eu vejo que o grande problema está no formato de acesso que a universidade, a UFPA ela vem oferecendo aos alunos surdos. Por ser o surdo usuário da Língua Brasileira de Sinais e ser uma língua diferenciada, porque é uma língua acima de tudo, então como é uma língua acima de tudo, o ingresso dessas pessoas hoje está se dando dentro da Universidade por um único formato, que é por meio do Enem.

Apesar de acharmos que ano passado o Enem já abriu precedentes para que a pessoa surda fizesse a prova do Enem por meio da Língua Brasileira de Sinais, mas ainda observamos alguns obstáculos, tipo, a Língua Brasileira de Sinais que foi colocada para o Enem em nível de Brasil, foi uma Língua Brasileira de Sinais muito sul, sudeste, enquanto que a nossa Língua Brasileira de Sinais ela é regionalizada e isso acabou dificultando também o ingresso desses alunos. Essa é uma questão.

A segunda questão é a dificuldade dos alunos surdos ainda na segunda língua para eles, que é a língua portuguesa na modalidade escrita, onde uma pontuação maior para o ingresso na Universidade se dá por meio, principalmente, da pontuação na redação, fazendo com que eles não alcancem, na maioria das vezes, a média, o mínimo para poder serem aprovados por meio desse formato que hoje nós temos do Enem.

**Elissandra:**

Complementa, Denise!

**Denise:**

Bom, eu acho justamente como a professora falou,

a partir do ano passado onde a prova do Enem começou a ter o formato em libras, e a libras por ser uma língua de fato, uma língua natural ela possui regionalismos como qualquer outra língua e o vocabulário específico do ensino médio ainda está sendo construído em todo Brasil, então alguns vocabulários como da Biologia, da Física da Química, da própria Língua Portuguesa, esse vocabulário sofre uma variação na nossa região norte e diferencia de outras regiões. Então essa prova em libras do Enem que vem para o nosso Estado, ela é um pouco diferenciada no que diz respeito a esses vocabulários específicos e o que tem influenciado na baixa pontuação desses alunos surdos, dificultando o ingresso na universidade.

**Arlete:**

Outras universidades, exemplificando, não sei se a UFPA poderia trazer esses modelos aqui para dentro da nossa Universidade, mas nós já temos um número bem significativo de outras universidades federais, inclusive estaduais também, inclusive no nosso próprio Estado já ocorre isso na universidade estadual, onde a prova, o ingresso da pessoa surda usuário da Língua Brasileira de Sinais está se dando por meio de processo seletivo diferenciado, onde a prova dele não é no formato do Enem. Ele não entra pelo Enem. Ele entra por uma prova que é feita especialmente por meio do uso dessa língua diferenciada, por meio de vídeos em Língua Brasileira de Sinais. A prova é uma prova de redação, mas ela é corrigida por pessoas que são da área e que respeitam a singularidade da Língua Brasileira de Sinais de acordo com o que demanda a Lei Brasileira de Inclusão, que é o respeito a singularidade linguística da pessoa surda, inclusive na própria escrita dessa modalidade para esse



grupo de pessoas.

Então, são questões que a gente vem levantando, mas são questões que está para além, inclusive, da CoAcess. A CoAcess já vem fazendo movimento, acredito que o próprio curso de Letras Libras da própria Universidade já vem também fazendo esse movimento na direção de que a Universidade talvez precise mudar, não sei se agora ou num outro momento, uma política de acesso às pessoas surdas, respeitando essa singularidade linguística que se diferencia dos outros públicos de pessoas com deficiência, assim como se diferencia do público ouvinte.

**Elissandra:**

Vocês destacaram as barreiras só para entrar na universidade, dos alunos, das pessoas surdas, e depois que entram, dentro da Universidade, quais são as principais barreiras e como que a CoAcess, a UFPA, a Saest, trabalham para minimizar essas barreiras para ajudar esses alunos surdos a estarem de fato integrados na sala de aula com os alunos ouvintes também, e vice-versa?

**Denise:**

Bom, as ações que a CoAcess promove para facilitar essa relação do aluno surdo ou com deficiência auditiva com o professor, com a universidade em geral, é feita principalmente pela nossa equipe de intérpretes da CoAcess. Então o surdo usuário da Libras dispõe de uma equipe de cerca de treze intérpretes em toda a UFPA. Então ele vai ter um apoio em sala de aula da interpretação da aula do professor, do diálogo entre os alunos ouvintes, entre o aluno surdo, então ele tem essa acessibilidade dentro da sala de aula com o apoio do intér-

prete de libras.

E as barreiras atitudinais com relação aos professores que não compreendem muito bem as especificidades de cada deficiência, então a nossa equipe promove, por meio da Saest, formações de sensibilização. Então a gente leva essas informações de como o professor pode criar metodologias para facilitar o entendimento da aula pela pessoa com surdez, ou pela pessoa com deficiência auditiva, então a gente tem toda essa organização da equipe e da coordenação de acessibilidade.

**Arlete:**

Atualmente a gente vem trabalhando em três frentes. Este ano particularmente muitas ações que envolvem esse público que é a pessoa surda dentro da Universidade, elas já foram mais desenhadas, então, por exemplo, a primeira coisa que nós fazemos quando o aluno surdo entra na Universidade. Para a gente hoje o aluno surdo, aluno cego, aluno em cadeira de rodas, são os três públicos que para a gente são prioritários no atendimento quando ele entra na Universidade. Por que esses três públicos? Em cadeiras de rodas porque a gente precisa mapear mobiliários, espaços, e tudo mais. A pessoa cega, porque a gente precisa saber que tipo de equipamento, tecnologia assistida que esse aluno vai utilizar para a gente poder promover com a nossa equipe se precisa de transcrição, se precisa de material adaptado, e já orientar os professores. No caso da pessoa surda em particular, por que para a gente ele é prioridade? Porque a gente precisa fazer logo o mapeamento, deslocamento e cronograma de intérpretes para que esses alunos recebam no primeiro dia de aula o tradutor intérprete em sala de aula. Então, nós informa-

mos à faculdade, orientamos a faculdade, encaminhamos a documentação para esta faculdade para que tome conhecimento de quem é essa pessoa surda, que tipo de língua ele utiliza, qual é a singularidade linguística, o papel do tradutor intérprete na sala de aula, porque ele não é o que vai ensinar, quem vai ensinar é o professor, o intérprete é apenas o mediador do processo da comunicação na verdade.

A equipe dos tradutores intérpretes, pelo menos este ano e no ano passado, também dos alunos que entraram, tanto na Odontologia, como na Educação Física, que são os nossos alunos mais recentes, a equipe promoveu cursos de Libras não somente para a turma, porque isso é importante, porque só o surdo usando a Língua Brasileira de Sinais, mas sem poder se comunicar com a própria turma que a maioria é ouvinte, essa é uma grande barreira, então umas das grandes barreiras hoje é a comunicação porque o nosso aluno surdo ele entra numa turma em que noventa e nove por cento são ouvintes e ele é o único surdo na sala de aula, principalmente nos cursos que não são de Letras Libras e mesmo no curso de Letras Libras na UFPA pelo fato do formato ser do Enem só está entrando um aluno surdo para cada turma, a maioria é ouvinte, a diferença é que no curso de Letras Libras você está ali aprendendo a Língua Brasileira de Sinais junto com a turma de ouvintes. Mas veja onde que está o grande problema das barreiras, está principalmente nesses cursos em que a Língua Brasileira de Sinais que nem é ensinada como língua nem como disciplina, que principalmente são hoje no curso de Odontologia, no curso de Química, no curso de Educação Física, Teatro, Pedagogia. Pedagogia e Educação Física ainda têm a disciplina Libras de 40 horas, 60

horas, mas alguns outros cursos nem essa disciplina existe, no currículo universitário. Então esses alunos para poder ter acesso a essa comunicação, a CoAcess vem promovendo essa integração por meio de curso de Libras, não muito grande, reduzido, mas que já garante um mínimo de comunicação entre os alunos em sala de aula. Atualmente nós publicamos o livro, uma cartilha orientadora, que se chama Cartilha de Orientações Técnicas e Pedagógicas voltadas para o relacionamento das pessoas com deficiência auditiva, que envolve tanto o surdo quanto a deficiência auditiva. É uma cartilha que tem mais ou menos vinte a 24 laudas onde ela traz diretrizes, orientações aos docentes, inclusive aos alunos, de como trabalhar, de como se comunicar, que tipo de técnica e metodologias podem ser utilizadas com as pessoas surdas que estão presentes na Universidade.

Então é um material específico para o ensino superior, para o público da UFPA. São quatro volumes, são quatro cartilhas. Cada cartilha para um tipo de deficiência e uma delas é para o público com pessoa surda ou deficiência auditiva. É um material free, livre, qualquer pessoa pode baixar e está na nossa página da Saest. Quando você clica na coordenadoria de acessibilidade você vai encontrar as cartilhas pedagógicas.

**Vinheta:**

Ei! Se liga na assistência estudantil!

**Elissandra:**

Rádio Web Ufpa, apresentando o programa Saest e Você, tudo sobre assistência estudantil. E nós estamos falando sobre as ações da Superintendência de As-



sistência Estudantil especificamente para os alunos surdos. Conversando conosco sobre esse assunto aqui no estúdio está a professora Arlete Marinho, que é coordenadora de acessibilidade da UFPA, e também a coordenadora da equipe de intérpretes e tradutores de Libras da CoAcess, a Denise Martinelli. Nós vamos para um breve intervalo, mas não saia daí que no próximo bloco tem mais informações aqui para você sobre essas ações da Saest para você que é aluno surdo e para os ouvintes também aprenderem a se relacionar e interagirem melhor e respeitarem melhor as especificidades dos alunos aqui na Universidade.

#### Vinheta:

Você está ouvindo Saest e Você, na Rádio Web UFPA.

#### Elissandra:

Estamos de volta com o Saest e Você: tudo sobre assistência estudantil na UFPA. Hoje estamos destacando as ações desenvolvidas dentro da UFPA para os alunos surdos. Conversando conosco aqui no estúdio sobre esse tema está a professora Arlete Marinho, coordenadora de acessibilidade da UFPA e também a coordenadora da equipe de intérpretes e tradutores de Libras da Saest, Denise Martinelli.

#### Vinheta:

Responde aí!

#### Elissandra:

A gente falou no primeiro bloco das barreiras enfrentadas pelos alunos surdos e a gente destacou muito as barreiras comunicacionais. Para gente continuar

dentro desse tema, vocês falaram de várias ações da Saest para facilitar essa comunicação, inclusive vocês falaram em metodologias específicas. Que ações metodológicas são essas e como que se deve pensar nessas ações metodológicas para um aluno surdo dentro de uma sala de aula, onde a maioria são ouvintes, sem deixar aquele aluno ainda mais constrangido por ele ser único ali que não ouve, por exemplo. Como é que vocês tentam trabalhar essa situação? Porque a gente sabe que eles precisam de metodologias específicas, mas ao mesmo tempo, específicas e inclusivas.

#### Denise:

A coAcess ela vem trabalhando em constante contato com os professores, por meio de e-mail. Nós enviamos orientações, reuniões, nós marcamos reuniões com os professores para orientar nesse sentido. Então dentro de sala de aula quando o professor não atende essas orientações geralmente nós fazemos uma intervenção ou no intervalo, ou antes da aula, ou depois da aula. No caso de usar os recursos visuais com surdos não apenas a língua portuguesa escrita, mas colocar algumas imagens, explicar, detalhar, usando sempre esses recursos visuais. No caso da avaliação, nós orientamos os professores que eles podem estar usando vídeos com surdos, gravação em vídeos, para que ele possa se expressar na própria língua de sinais e no momento da correção o professor junto ao intérprete de Libras vai conseguir entender a resposta do surdo.

Outra coisa que nós orientamos também quando o professor vai usar vídeos que ele use com legenda, porque os nossos alunos têm um domínio básico da

língua portuguesa, então eles conseguem entender alguma coisa sim através das legendas dos vídeos. E também com relação aos assuntos, durante as aulas, nós pedimos que os professores enviem o material com antecedência para os intérpretes de Libras, porque os intérpretes não dominam todos os conteúdos. A formação do interprete é específica, por exemplo, a minha formação é em Letras Libras, então eu não domino um assunto, por exemplo, das ciências biológicas. Então quando o professor, ele contribui com a gente, com a equipe de intérprete enviando o material antes, se torna mais fácil para gente estudar, para gente compreender e está passando essa informação para o aluno surdo com mais clareza.

#### Elissandra:

Agora, essa relação do intérprete de Libras com o aluno surdo, o professor e os alunos ouvintes, ela é toda na hora da aula, na sala de aula, ou também ela extrapola além da sala de aula, além do ensino daquela disciplina naquele momento?

#### Denise:

Sim! Quando o professor divide a sala em equipe para que elas possam se organizar fora do horário de aula, a gente orienta os alunos, bem como o aluno surdo se ele precisar em algum momento de um apoio junto com a equipe, ou na biblioteca, ou em algum espaço da Universidade. Nós colocamos esse horário na nossa agenda para a gente está apoiando nessa mediação, mediando a comunicação entre aluno ouvinte e o aluno surdo.

#### Elissandra:

E dentro da sala de aula, Denise, qual a principal barreira de vocês intérpretes de Libras, é com os professores, é com os alunos ouvintes? Quais são os problemas que vocês enfrentam para poder ajudar os alunos surdos a superarem essas barreiras comunicacionais e permanecerem na Universidade e concluírem o curso com êxito?

#### Denise:

A principal barreira que nós enfrentamos em algumas turmas, é a relação do professor com o aluno surdo, e com relação do professor com o intérprete de Libras, porque nem todos eles procuram a acatar a orientação de enviar o material antes para o intérprete. Então isso se torna dificultoso porque o intérprete vai para a sala de aula sem saber o que o professor vai falar e isso pode realmente prejudicar a compreensão do aluno.

#### Elissandra:

E os alunos ouvintes, como é que eles recebem a presença do interprete na sala de aula?

#### Denise:

Bom, a gente sempre está em relação amigável constante com os alunos ouvintes, e quando acontece de a turma ser um pouco mais fria em relação a essa dificuldade do aluno surdo, como nós já citamos no primeiro bloco, a gente faz essas formações. Nós combinamos com a turma um horário mais propício para a gente fazer essa formação, uma oficina de Libras, esclarecer quem é o aluno surdo, quem é o intérprete e que eles podem se sentir à vontade para conversar com o surdo

e procurar estratégias. Se não sabe a Libras, procurar digitar no celular ou então escrever num papel ou falar pausadamente em contato visual direto com o surdo. Então a gente dá essas orientações para que essas barreiras sejam aos poucos quebradas.

#### Elissandra:

Professora Arlete, o que a senhora considera mais difícil de superar no trabalho da Saest, as barreiras comunicacionais ou as barreiras atitudinais?

#### Arlete:

As atitudinais, com certeza. Porque as barreiras comunicacionais eu vejo que a CoAcess Saest já vem fazendo um movimento na direção de diminuir essa barreira, de quebrar, só o fato da nossa Universidade, além de ser a maior do Norte e ter o maior número de intérpretes e com o número reduzido que não é tão grande de alunos surdos, mas hoje nós podemos proporcionar para o aluno surdo participar do ensino, da pesquisa e da extensão com a participação, por exemplo, do intérprete de Libras. Coisas que algumas universidades não estão conseguindo fazer, porque tem um número muito reduzido da presença do tradutor intérprete.

Hoje nós estamos com treze intérpretes de libras dentro da Universidade. Esses intérpretes atuam não apenas para atender os alunos surdos, é bom que a gente destaque isso, que a gente tem essa quantidade, mas hoje a Universidade conta com seis professores surdos também e esses seis professores surdos também requerem a presença do tradutor intérprete nas suas aulas, nas suas atividades de pesquisa, de extensão.

Esses professores surdos estão na pós-graduação e lá eles também precisam do tradutor intérprete. Hoje nós temos uma lei que foi aprovada em 2015 que é a Lei Brasileiras de Inclusão, que vem nos cobrando, enquanto universidade, que os editais da Universidade eles saiam em Língua Brasileira de Sinais, e é algo que a gente vem tentando garantir dentro da Universidade.

Hoje nós estamos com vários editais que a CoAcess, em parceria com os institutos, com a própria reitoria, já vem fazendo com que as pessoas surdas tenham acesso à informação, porque quando você tem uma barreira na comunicação automaticamente você leva uma outra barreira, que é a barreira da informação, sem um tradutor intérprete, e como já falei, a língua portuguesa escrita na maioria das vezes ela é a barreira não só comunicacional quanto quando não tem a presença do tradutor intérprete, mas ela se transforma numa barreira informacional quando ele não consegue compreender o que está sendo escrito ou falado. Então a barreira da informação ela precisa ocorrer quando um edital é lançado na Universidade, a pessoa surda precisa compreender o que está na integra naquele edital e elas às vezes não consegue compreender, porque têm duas ou três palavras que são palavras técnicas que ele não sabe do significado, não consegue compreender isso, às vezes nem tem muita facilidade no dicionário e quando tem, o próprio significado no próprio dicionário acaba atrapalhando mais do que ajudando a pessoas surda. Então quando o interprete de libras ele interpreta, por exemplo um edital, ele traz dentro da Língua Brasileira de Sinais, fazendo com que a pessoa surda compreenda aquela informação, mas isso a Universidade vem tentan-

do garantir. Então essa barreira hoje, eu percebo que 80% dela está sendo quebrada, porque a gente está conseguindo atender a demanda que a Universidade tem de acordo com o número de intérpretes e pessoas surdas.

Mas, a barreira atitudinal pra gente é a pior barreira, por exemplo, quando nós chegamos à conclusão que nós precisávamos criar uma cartilha orientadora, essa cartilha orientadora foi criada justamente para dar uma amenizada na situação, mas também não me garante que cem por cento dos professores vão ler, não me garante que cem por cento dos professores vão utilizar, porque a gente fala de atitude, atitude é muito abstrato, ela requer uma mudança de comportamento das pessoas, mudança de atitude, mudança de ação, mudança da fala, mudança da metodologia, mudança da utilização das estratégias que ela vai utilizar. Às vezes uma estratégia que é utilizada sem uma recomendação ela se transforma numa barreira pedagógica e atitudinal, porque quando eu digo não, eu não posso, eu não sei fazer, eu não quero, às vezes até sabe, mas não pode ou não quer fazer mesmo sabendo que uma pessoa surda está ali dentro daquele espaço, pra gente é a pior barreira a ser quebrada.

Já tivemos situações de professores falarem para o aluno surdo e interprete escutar, obvio que ele não falou isso para o surdo, mas dizer: “o que que essa pessoa surda está fazendo neste curso? Aqui não é o lugar dessa pessoa”. Então essa é a principal barreira que a Universidade vem enfrentando e isso requer maior formação desses profissionais. A universidade, não so-

mente a coAcess, porque ela não pode ser a única responsável pelas capacitações, nós temos na Universidade um centro de capacitação que é o Capacit, e o Capacit já vem oferecendo o curso de Libras para professores e técnicos desta Universidade desde 2011, se eu não estou enganada, na oitava turma do curso de Libras, oferecido gratuitamente para servidores da Universidade.

Então a Universidade já está fazendo a parte dela, as pessoas precisam participar mais, porque a Universidade está oferecendo o curso de Libras, a CoAcess está indo in loco às vezes, fazer a formação da Língua Brasileira de Sinais para aquela faculdade ou para aquela turma. Então o que nós estamos sentindo é que está faltando a participação das pessoas.

#### Denise:

E essas ações que a CoAcess e Saest vêm realizando, eu observo que algumas pessoas na Universidade estão se movimentando, elas estão se sensibilizando. Tanto é que esse ano dois programas de pós-graduação nos solicitaram intérpretes de Libras para acessibilizar seus editais. Além do Ceps, que vem sempre solicitando para a gente fazer essa tradução dos editais para Libras. A Ascom também está em parceria conosco com o projeto deles de informar toda semana o que vai acontecer na UFPA em parceria com o intérprete de Libras. Então apesar de tudo, dessas dificuldades, as nossas ações têm feito com que algumas pessoas se sensibilizem e venha mudando essas atitudes para melhor.

#### Elissandra:

Não é fácil. É um desafio muito grande e eu acho



que ainda vai durar muito tempo porque é um trabalho de formiguinha, mas só da gente saber que já tem pessoas se mobilizando nesse sentido, de oferecer essa inclusão dentro da Universidade e que ainda tem muita gente infelizmente que se nega a participar a ser uma pessoa mais solidária, que é uma questão mais de solidariedade de ser humano, mas é muito bom a gente ver que tem cada vez mais alunos entrando e cada vez mais professores, alunos ouvintes, técnicos também mobilizados para garantir essa permanência desses estudantes na Universidade.

#### Arlete:

A palavra acessibilidade praticamente nem se ouvia dentro da Universidade, e agora você já ouve um pouco mais. Por exemplo, para mim, eu fiquei muito feliz quando nós recebemos a Ascom com a proposição de que as notícias, as informações que seriam colocadas para a Universidade em forma de vídeo, que contasse com a presença do tradutor intérprete de Libras na janelinha de acordo com que a lei demanda, colocando a legenda. Então para gente é um grande passo. A gente fica muito feliz porque não foi uma iniciativa da CoAcess, foi uma iniciativa da Ascom que viu a necessidade da parceria, sabendo que a Universidade conta com esses profissionais e pode garantir isso, que pra gente é acessibilidade de informação.

#### Vinheta:

Ei! Se liga na assistência estudantil.

#### Elissandra:

Radio Web UFPA, apresentando o programa Saest e Você: tudo sobre assistência estudantil na UFPA. Hoje



#### UFPA produz vídeos com tradutor intérprete de Libras

o nosso assunto são as ações desenvolvidas pela instituição para os alunos surdos. Aqui no estúdio conosco está a professora Arlete Marinho, que é coordenadora de acessibilidade da Universidade, e também a coordenadora da equipe de intérpretes e tradutores de Libras da UFPA, Denise Martinelli. Nós vamos para mais um intervalo, mas a gente volta já, já.

#### Vinheta:

Você está ouvindo Saest e você, na rádio web Ufpa.

#### Elissandra:

Estamos de volta com o Saest e Você: Tudo sobre assistência estudantil na UFPA. A gente lembra que o pro-

grama é uma parceria entre a Superintendência de Assistência Estudantil e a Rádio Web UFPA, que é um projeto de extensão aqui da Faculdade de Comunicação. O nosso principal objetivo é deixar você, aluno ou futuro aluno da Universidade, por dentro dos programas e serviços que a UFPA oferece para ajudar na sua permanência no ensino superior. Hoje, aqui no Saest e Você o foco são as ações para os alunos surdos, as ações desenvolvidas pela Coordenadoria de Acessibilidade da UFPA para os alunos surdos. Conversando conosco sobre esse assunto aqui no estúdio está a professora Arlete Marinho que é coordenadora de acessibilidade da UFPA e também a coordenadora da equipe de intérpretes e tradutores de libras a Denise Martinelli.

#### Vinheta:

Responde ai!

#### Elissandra:

Para continuar o nosso bate papo, eu queria agora que vocês falassem um pouquinho sobre a questão do acompanhamento pedagógico dos alunos surdos na Universidade, como é que acontece? Eu acredito que não deve ser fácil, se já não é fácil para os alunos ouvintes, para os alunos que enxergam, para os alunos que andam normalmente, não precisam de cadeira de rodas, permanecer na Universidade, a gente sabe que é muito complicado. E aí a gente fica imaginando a situação de um aluno surdo, por exemplo, que é o nosso caso hoje aqui. Ele precisa de muito apoio pedagógico, como você falou para conseguir terminar esse curso com êxito. Qual é a avaliação que vocês fazem sobre esse aspecto e como é que a Saest acompanha pedagógica-

mente esses estudantes?

#### Arlete:

No que diz respeito ao curso de Letras Libras, por exemplo, são os nossos alunos que estão saindo com maior êxito. E aí eu já faço uma relação muito direta com a própria língua. É um curso que já trabalha a própria língua, tanto é que é o curso mais procurado pelas pessoas surdas, é o curso de Letras Libras e que inclusive na minha tese de doutorado a gente apresentou porque foi com alunos surdos a minha tese de doutorado, falando sobre esse processo de escolarização no ensino superior e aí foi identificado que as escolhas deles pelo curso de Letras Libras justamente se dava por conta dessa relação linguística diferente dos outros cursos. Então a gente está vendo um movimento nos últimos anos. Acredito que nos três últimos anos que alunos surdos ingressarem em outros cursos, e que essa é a grande barreira que a gente vem apontando porque os outros cursos envolvem glossários diferenciados, formação dos tradutores intérpretes da Língua Brasileira de Sinais, a disciplina Libras que não faz parte do contexto daquele curso de formação e que a gente chama de problema desse aluno e que é aquilo que a gente chama de isolamento acadêmico e inclusive minha pesquisa de doutorado também aponta isso aos alunos que estão geralmente nos outros cursos, eles se sentem dentro de um isolamento acadêmico, ou seja se sentem sozinhos porque a língua usada por eles se torna uma língua solitária, sendo uma língua que só ele conhece. A relação direta dele geralmente é mais com o tradutor intérprete ou com um outro aluno que conhece a língua ou quer aprender a língua que se aproxima dele, mas



são grupos muito restritos.

A CoAcess este ano ela, aliás, a gente vem fazendo um trabalho com esses alunos surdos pedagogicamente de acompanhamento. Antes de virar CoAcess, que a CoAcess ela se transforma a partir de 2016, mas na verdade ela vem fazendo um trabalho desde 2011 com esses alunos que ingressam na Universidade por meio do antigo NIS, que era o Núcleo de Inclusão Social. Naquele período eu que coordenava a equipe de trabalhos somente para alunos surdos, eu sou pedagoga também, então nós fizemos um trabalho de realmente de acompanhamento de perto desse aproveitamento desses alunos. Em alguns casos nós estamos fazendo o trabalho de parceria com as faculdades por meio de um trabalho que a gente chama de um trabalho de monitoria, monitoria assistida. O que é essa monitoria assistida? É colocar geralmente o aluno que conhece a Língua Brasileira de Sinais e que geralmente é de uma licenciatura ou de um curso aproximando daquele aluno para poder apoiar esse aluno surdo nas atividades que ele tem mais dificuldade, principalmente nos conteúdos que ele tem maior barreira.

Em virtude disso vem aumentando a possibilidade desses alunos estarem compreendendo melhor essas atividades. Então esses monitores eles vão para laboratórios junto com os alunos, eles atendem esses alunos no contra turno, eles vão com esses alunos surdos para vídeos em Libras ou para vídeos para poder mostrar para eles como é que aquele conteúdo se processa. Então são alunos apoiadores que a gente pode dizer assim, mas são todos conhecedores da língua isso é



### Inclusão de alunos surdos no ensino superior

bom para o ouvinte porque ele amplia a comunicação dele na Língua Brasileira de Sinais e isso amplia também o aluno surdo. Mas, esse aluno monitor ele não fica sozinho, isolado, o monitor ele é acompanhado pela equipe da CoAcess. Que foi o que eu fiz este ano, nós fizemos a contratação de um pedagogo para a equipe com fluência em Língua Brasileira de Sinais e também especialização em Educação Especial Inclusiva. Então hoje esse pedagogo que conhece a Língua Brasileira de Sinais e que também tem a formação específica na área da inclusão é que vem fazendo o acompanhamento de perto desses alunos surdos, não só acompanhando no aproveitamento apoiando a equipe de tradutores e intérpretes na questão relacionada às metodologias com os professores e fazendo um trabalho relacional com esses alunos que também envolve a monitoria. Mas o que a gente está tentando fazer este ano para tentar

ampliar essa ação? Uma parceria com o curso de Letras Libras, porque a questão do glossário que é um problema também e envolve também a parte pedagógica, porque se ele não conhece o significado daquelas palavras que o professor está explicando na frente e o intérprete não conhece que sinalização pode ser feita naquele momento, automaticamente, o surdo perde a informação, perdendo a informação ele corre o risco de ser reprovado, porque ele não vai conseguir dominar o conteúdo. Então a criação do glossário em Libras, inclusive em uma atividade que foi iniciada com a Denise, inclusive é uma pesquisa dela agora do mestrado não é isso? Que está trabalhando dentro desse campo para que avance nessa questão da ampliação desse vocabulário, principalmente nesses cursos que não tem vocabulário reconhecido pelos intérpretes e também pelos próprios surdos. Então é uma parceria com os surdos, com a comunidade surda e agora a gente está tentando envolver o curso de Letras Libras nessa relação para que pedagogicamente esses alunos eles sejam melhores atendidos na Universidade.

**Elissandra:**

E de quem é a responsabilidade por esse glossário e também como é que são consolidados esses novos símbolos?

**Denise:**

A produção do glossário ela acontece no momento, muitas vezes o que tem acontecido aqui na Universidade é que no momento da aula quando a gente está no momento da tradução vem uma palavra, vem um termo que a gente não conhece, um exemplo é periodontite, a

gente só passa a saber o que significa no momento da explicação do professor, então faz a soletração manual da palavra e o intérprete de apoio, porque nos sempre trabalhamos em dupla na sala de aula, então quando eu estou interpretando a aula do professor, o outro intérprete está lá, sentado, observando a tradução e atento também à explicação do professor, quando ele vê que o intérprete não sabe o que significa aquela palavra ele vai lá rapidinho no dicionário, ou pesquisa no Google e aí ele dá aquela dica pro intérprete que está atuando no momento, e daí então o intérprete consegue passar o significado daquela palavra e nisso a gente vai anotando essas palavras que não têm sinais próprios na Libras. E no outro momento, a gente senta com o aluno daquele curso, o aluno surdo, a gente senta com ele e vamos criar um sinal para essa palavra que não tem, de acordo com o conceito, significado e aí a gente vai criando sinais junto com o aluno surdo.

**Elissandra:**

Mas aí nesse caso vai ser um sinal específico para aquele aluno, para aquela turma?

**Denise:**

A gente vai, cria, e o projeto da equipe no caso é de divulgar esses sinais. É o processo de validação para valer em nível nacional. A gente vai disponibilizar, isso é um processo ainda, a criação de sinais não é algo que acontece do dia para a noite. A gente vai, cria o sinal para usar naquele momento, em sala de aula, e com o tempo a gente vai fazendo uma pesquisa mais aprofundada que é para saber se já existe um sinal para aquela palavra, e também a gente vai reunir a comunidade

surda da Universidade para que haja validação daquele sinal.

**Elissandra:**

Ou seja, a Língua Brasileira de Sinais vai muito além do alfabeto que a gente está acostumado. Muita gente se esforça para aprender o alfabeto mas não é só isso.

**Denise:**

O alfabeto manual na verdade é só um recurso que a gente usa para soletrar uma palavra para o surdo. Agora se o surdo não entende o conceito daquela palavra então não vai adiantar usar apenas o alfabeto manual. Eu tenho que dá um sinal àquela palavra e isso acontece por meio da validação pelos próprios surdos.

**Arlete:**

E requer todo um trabalho. Ele é feito mesmo em parceria com a comunidade surda. Por exemplo, a pessoa ouvinte jamais, ela ouvinte, você ouvinte, se de repente a gente não conhece esse determinado sinal, e aqui do nada criar um sinal, nós não podemos criar um sinal. Então há essa necessidade dessa relação com a comunidade surda, há uma necessidade de uma relação com pesquisadores naquela área de conhecimento, porque de repente o surdo e o interprete podem criar um sinal, mas às vezes não está de acordo com o significado da palavra dentro daquela área de conhecimento. Então é um trabalho meio que dentro de um triangulo, para poder desenhar melhor a ideia, precisa do tradutor intérprete, precisa do surdo, mas precisa de alguém da área do conhecimento.

**Elissandra:**

E isso mostra aí a importância dos intérpretes na sala de aula e de todo esse trabalho, e também do respeito a esses profissionais, tu sentes isso Denise? Ainda falta mais valorização também do trabalho de vocês e mais portas se abrirem para esse mercado? Como é que tu avalia?

**Denise:**

Bom, eu acho que cada vez mais o mercado está se abrindo para esses profissionais intérpretes. E eu sinto também que falta, um pouco de valorização por parte dos outros profissionais. Falando no âmbito da Universidade muitos professores ainda deixam a desejar, muitos não encaram o interprete como um profissional. Alguns professores até duvidam no momento da prova e acham que o intérprete vai dar cola para o aluno. Então isso é algo que tem que ser desconstruído. O tradutor intérprete é um profissional como qualquer outro, tem toda ética por trás, a ética da confiabilidade. Eu percebo também que tem alguns professores que já vêm encarando o profissional intérprete como um profissional de fato, mas ainda falta um pouco para a gente chegar nessa valorização completa do profissional.

**Vinheta:**

Responde ai!

**Elissandra:**

Sete alunos surdos já estão agendados o dia daquele aluno, e aí já está agendado os interpretes que vão para aquela sala de aula, como é que funciona?

**Denise:**

Sim, aqui na Universidade, no Guamá existem três alunos surdos. Um faz o curso intervalar nas Letras Libras. Então nesse momento é possível escalar dois interpretes para ele na sala dele. Outro aluno estuda à tarde e o outro aluno estuda de manhã nos cursos regulares. Então é possível a gente fazer essa divisão, esse cronograma, escalar dois interpretes para cada sala de aula. E é uma política dos intérpretes na Universidade, sempre trabalhar em dupla por conta de desgastes físicos e cansaços mentais.

**Elissandra:**

E é cansativo né, não é fácil.

**Denise:**

Com certeza não é fácil. A gente trabalha com a mente e com o corpo, diferente de quando você está usando sua língua natural, a língua portuguesa.

Elissandra: Então não pode ser também um trabalho diário, todo dia o interprete está ali nessa função não ne?

**Denise:**

É. A gente divide assim, quatro horas em sala de aula e as outras quatro horas para estudo. Esse estudo a gente vai sentar no computador, pesquisar o que o professor vai falar naquele momento de aula naquela semana. Então a gente pesquisa antes o conteúdo para que a tradução possa ser bem clara para o aluno também.

**Elissandra:**

E daí a importância dessas parcerias com esses professores, da troca de que os professores estejam realmente interessados e repassem esse conteúdo com antecedência para vocês.

**Denise:**

A gente tem esse tempo de estudo.

**Elissandra:**

Vocês têm alguma avaliação, alguma pesquisa ou algum acompanhamento que mostre como é que esses alunos saem da Universidade e se inserem no mercado de trabalho ou ainda é um desafio também?

**Arlete:**

Antes deu responder só para acrescentar que nos campi do interior nós também temos tradutores interpretes, que é esse total que a gente está falando dos treze, mas já envolve também Abaetetuba...

**Elissandra:**

Quais são os campi?

**Arlete:**

Abaetetuba, temos em Castanhal. Nós temos dois interpretes de Libras em Castanhal e dois de Libras em Abaetetuba. Em Abaetetuba, nós estávamos com duas alunas surdas, mas uma trocou de curso. Nós estamos com uma aluna surda à noite no curso de pedagogia, em Castanhal, nós estávamos com dois alunos, um já concluiu o curso, que era de Educação Física e agora já está fazendo especialização, tentando inclusive, mestrado. A



gente vem acompanhado sim esses nossos alunos surdos. Uma outra aluna na Educação Física e tem um professor surdo também. Então os dois intérpretes de Libras se revezam para atender essa aluna surda na Educação Física e o professor surdo do curso de Pedagogia. Então eles vem fazendo um cronograma de atendimento assim como a gente faz um cronograma de atendimento de acessibilidade em Belém para atender a demanda de Belém, que envolve um público maior, porque envolve o aluno surdo mas também envolve o aluno surdo que está participando da pesquisa, que são alguns alunos surdos que inclusive são professores da Universidade que participam de grupos de pesquisa, e os professores surdos que são cinco aqui em Belém e um que está em Castanhal. Quanto a questão do acompanhamento desses alunos no mercado de trabalho foram poucos os alunos surdos que saíram do ensino superior, da graduação, então é mais fácil de nós acompanharmos. Por exemplo, nós tivemos a saída de um aluno de Castanhal que é do curso de Educação Física, que é o aluno que hoje ele já está na pós-graduação com grandes intenções de entrar num mestrado e eu acredito que este ano ele deve estar entrando no mestrado. E a outra aluna surda que saiu este ano, que é aluna surda do curso de Letras Libras aqui do ILC, quando nós tivermos a oportunidade de nós fazermos a contratação de uma funcionária para trabalhar na sala de inclusão na Escola de Aplicação, nós fizemos a seleção dela para a garantia do mercado de trabalho imediato. Então é um projeto que a Escola de Aplicação criou, que é a alfabetização de crianças surdas da comunidade, que é uma atividade de extensão da Escola de Aplicação e que eles nos pediram que a gente pudesse está contratando por

meio da Fadesp alguém que pudesse assessorar esse projeto, mas que de preferência fosse uma pessoa surda, para poder ensinar os outros surdos desde a primeira infância. Então o que foi que nós fizemos, a primeira oportunidade que nos tivemos dentro do nosso espaço de contratação pela verba do projeto de acessibilidade, do programa de acessibilidade, que na verdade é um projeto também de extensão aprovado pela Fadesp pela reitoria e depois obvio pela Fadesp nós tivemos a oportunidade de fazer a contratação de profissionais para alguns espaços, para garantia de acessibilidade, para ter em mãos a primeira coisa que nós fizemos, a aluna tinha acabado de concluir o curso dela de Letras Libras e aí nós fizemos o processo de contratação desta moça e inclusive ela está agora no mercado de trabalho, trabalhando na Escola de Aplicação dentro da área de formação dela, ensinando as crianças surdas a Língua Brasileira de Sinais. Então esses são os nossos dois alunos surdos, os demais alunos surdos estão ainda estudando. E o aluno surdo de Abaetetuba que eu tinha esquecido concluiu o curso de Pedagogia fazem dois anos e esse aluno também já está no mercado de trabalho, trabalhando numa sala de atendimento educacional especializado, como pedagogo e trabalhando também com pessoas surdas e na formação de professor lá em Igarapé Mirim. A gente vem acompanhando todos eles.

#### Elissandra:

Que bom, professora, vem acompanhando e garantindo a entrada desses profissionais no mercado de trabalho e que o que a gente espera de fato que não só a UFPA se preocupe com isso, mas que o mercado inteiro se disponibilize, porque tem gente aqui na Universidade

se formando, se qualificando não só na área de Letras Libras, e que essas pessoas precisam, com certeza, saírem da Universidade e ir para o mercado de trabalho também. Em relação a esses professores surdos é mais difícil a recepção desses alunos de estarem tendo aprendido com um professor surdo?

Denise: Se dá da mesma forma quando é o aluno, então o professor surdo, como os professores da Universidade, são professores da disciplina de Libras, então eles solicitam a presença do intérprete quando eles vão dar uma aula mais teórica, digamos assim, em que precisa de explicações dos conceitos da área da Libras de educação de surdos do papel de intérprete mas no momento mais prático da língua eles já dispensam a presença do intérprete de Libras para que os alunos ouvintes tenham contato mais direto com a língua que é com o professor surdo e ponham em prática o que eles estão aprendendo também.

**Elissandra:**

Vocês percebem o interesse desses alunos também em se inserir nessa Língua Brasileira de Sinais?

**Denise:**

Sim, com certeza. Eles se interessam bastante e muitos até ficam aflitos quando o professor surdo diz que nas próximas aulas o intérprete não vai mais vim. Mas depois a gente observa no final do semestre quando o professor solicita novamente a presença do intérprete, que a turma se saiu muito bem. Eles sozinhos com o professor surdo conseguiram se comunicar e até o próprio professor surdo dá dicas de como se comunicar escrevendo. A primeira coisa que os alunos apren-

dem é o alfabeto manual. Então eles já vão colocando em prática o alfabeto manual com o professor surdo para poder se comunicar com ele.

Elissandra: E aí é mais uma prova de que a barreira atitudinal é mais importante de ser superada que a barreira comunicacional. Haja luta aí para poder mudar essa realidade.

Professora Arlete Marinho e Denise Martinelli, a gente está chegando ao finalzinho do programa, eu agradeço imensamente a presença de vocês, hoje aqui para vim falar dessas ações, para que os nossos ouvintes possam conhecer, um trabalho tão bonito como esse que é realizado aqui pela equipe da Saest, da CoAcess aqui da UFPA em prol dos alunos especificamente que a gente está falando dos alunos surdos. Mas não são só os surdos, são os deficientes auditivos, são os cegos, são os cadeirantes, e tantos outros alunos que precisam desse acompanhamento especializado mais específico. Então, professora Arlete e Denise, mais uma vez muito obrigada pela presença de vocês, aqui hoje no Saest e você.

**Arlete:**

Muito obrigada também pelo convite

**Denise:**

Obrigada!

**Vinheta:**

Ei! Se liga na assistência estudantil.

**Elissandra:**

E agora é a vez do nosso quadro fala aí galera, um



espaço para alunos, professores e técnicos administrativos divulgarem encontros, eventos acadêmicos e culturais, além de projetos de pesquisa, de extensão, dos cursos, faculdades, institutos e outras unidades aqui da UFPA. Vamos ouvir o recado de hoje.

#### Vinheta:

Fala ai galera!

#### Recado:

Olá, eu sou o professor Ayala Colares, daqui da Universidade Federal do Pará, eu coordeno o projeto de extensão intitulado cursinho PC quilombola onde participam alunos da Uepa, da Unama e da UFPA, onde esse projeto teve início em 2016, nós tínhamos 11 alunos de três comunidades quilombolas da região de Castanhal e Inhangapi, comunidade de São Pedro, comunidade Itaboca e comunidade Pitimaneua. Desses 11 alunos nós aprovamos 7 na UFPA. Em 2017, nós tínhamos 16 alunos e aprovamos 11 alunos, e agora em 2018 nós estamos com 12 alunos onde as aulas são realizadas aos sábados. É um projeto voluntário. Os alunos não recebem qualquer tipo de incentivo como bolsa. Eu também não recebo nenhum tipo de incentivo, mas a gente está na luta ai pra poder fazer com que essa juventude tenha acesso a universidade pública, para poder na verdade estarem fortalecendo o debate que envolve as cotas quilombolas dentro da instituição do ensino superior público. Destaco também que eu também sou de origem quilombola, sou da comunidade Pitimaneua. Fui o primeiro membro da comunidade a me tornar doutor e estou voltando com esse projeto para poder justamente incentivar as pessoas a acreditarem que a univer-

sidade pode ser também instrumento de luta contra o preconceito, contra racismo e também uma ponte para o conhecimento, para as possibilidades de transformação da sociedade. É isso aí. Espero ter contribuído, Valeu!

#### Elissandra:

Com o recado do Fala ai galera, a gente encerra o Saest e Você de hoje, obrigada a todos que participaram. E a gente agradece também especialmente a você ouvinte que nos acompanhou hoje aqui na Rádio Web UFPA. Lembre-se que você também pode participar do programa, basta mandar um e-mail para [radiowebufpa@gmail.com](mailto:radiowebufpa@gmail.com). Você também pode enviar mensagem nas nossas redes sociais, twitter e facebook, ou ainda ligar para 3201-8814. Entrem em contato com a gente e nos ajude a produzir o Saest e Você. Afinal a Saest assim como esse programa são feitos para você.

#### Vinheta:

Ei! Se liga na assistência estudantil!

O programa Saest e você é uma realização da Rádio Web UFPA com o apoio da Faculdade de Comunicação e da Superintendência de Assistência Estudantil da UFPA. A apresentação foi minha, Elissandra Batista. Produção e reportagem, Bruna Ribeiro. Gravação e montagem, Joao Nilo e Lauro Feio. Supervisão e edição, Elissandra Batista e Fabricio Queiroz.

A coordenação do programa é da professora Rosane Stainbrenner. A coordenação da Radio Web UFPA é da professora Alda Costa e também da professora Vânia Torres. Um abraço e até o nosso próximo encontro aqui

na Rádio Web UFPA, a rádio que divulga conhecimento.

**Vinheta:**

Saest e você, tudo sobre assistência estudantil na UFPA!



**RÁDIOWEB**  
**UFPA**

Divulgando conhecimento

**SAEST**  
*e*  
*Você*



**RADIO.UFPA.BR**